

## A NEGRITUDE SILENCIADA NOS MATERIAIS DIDÁTICOS E O RACISMO QUE PERSISTE

*Thais São Pedro de Santana (pós-graduanda/UFS)*

*Doris Cristina da Silva Matos (doutora/UFS)*

**Resumo:** Esta pesquisa é fruto do curso de Pós-graduação em Análise e Elaboração de Material Didático da Universidade Federal de Sergipe e busca traçar aspectos sobre construções de identidades sociais, em particular a temática da raça na elaboração de materiais didáticos. Neste trabalho analisamos a criação de unidades didáticas elaboradas pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a importância de abordar as diversas identidades no ambiente escolar, enfatizando a realidade de silenciamento que persiste nos materiais, no tocante às questões de negritude. Essa pesquisa foi realizada através de análise qualitativa e baseada nos pilares da linguística aplicada e, para seu desenvolvimento nos baseamos nos documentos que regem a educação brasileira e em teóricos como: Ferreira (2012; 2014), Matos (2014), Mendes (2008), Moita Lopes (2003; 2006), Silva (2012). Os resultados deste trabalho apontam para a necessidade de discutir como os materiais didáticos influenciam na formação e construção identitária dos alunos, promovendo reflexões no contexto escolar que permitam construir uma sociedade baseada no respeito à diversidade, não somente linguística, mas cultural e identitária.

**Palavras-chave:** Identidades, Materiais Didáticos, Raça, Língua Estrangeira

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto do curso de Pós-graduação em Análise e Elaboração de Material Didático da Universidade Federal de Sergipe, busca traçar os aspectos indidentitários presentes na elaboração de materiais didáticos através de criação de unidades didáticas elaboradas pelas alunas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) e a importância de abordar as diversas identidades no ambiente escolar, enfatizando a realidade que persiste nos materiais, pois, a negritude, uma identidade que precisa de mais visibilidade, e quando aparece não é abordada da maneira que deveria. Essa pesquisa é feita por uma abordagem qualitativa e heurística, que, segundo Telles (2002), se aplica aos profissionais que desejam realizar um profundo processo de auto-reflexão, um estudo de si mesmo e a sua relação com a prática pedagógica, podendo incluir outros participantes que irão compartilhar o mesmo processo de reflexão.

Realização



Apoio



Infelizmente ainda na contemporaneidade o racismo é enraizado em diversos contextos, nós seres humanos estamos cercados de estereótipos marcantes na sociedade que desde muito tempo é separada em grupos, em que alguns são favorecidos e outros marginalizados, assim crescemos vendo uma sociedade racista repleta de estereótipos, já que desde pequenos vemos que o negro é visto negativamente. É importante ressaltar como as construções sociais afetam também na elaboração de materiais didáticos, desse modo na elaboração das unidades didáticas contribuiremos para minimizar o processo de reprodução e cooptação do discurso racista na sala de aula.

## HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA APLICADA

Segundo Moita Lopes (2009), a Linguística Aplicada (doravante LA) é uma área que surge nos anos 1940 com interesse inicial de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, desenvolvendo materiais estratégicos durante a segunda guerra mundial, período que se prevalecia o ensino metódico, se pensava então como aperfeiçoar os materiais didáticos em um momento de extremo auge do estruturalismo. Ela inicia como avanço da linguística em ciência no século XX, assim como a linguística outras áreas vão utilizar seu estilo de análise, que não se diferencia muito de outros campos ao usarem os princípios do estruturalismo linguístico marcante na época, como na antropologia e na semiótica.

A LA começa como uma disciplina voltada para o ensino de língua, mostrando as necessidades de solucionar problemas comunicativos, vem então como uma ciência que investiga os problemas em práticas sociais, inclusive no período da segunda guerra mundial, quando ela surge como nos mostra Moita Lopes (2006). Os estudos feitos nesse período sobre como estava sendo aplicado o ensino de línguas nos remete até hoje como abordar em classe, então se pensava em elaborações essenciais de matérias didáticos e de como seriam aplicados. Embora hoje a LA tenha muitas outras áreas de atuação interdisciplinar.

Um grande avanço ocorre em 1964 com a criação da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), que realiza o primeiro evento desta ciência com objetivo de proporcionar uma abordagem prática e imediata de ensino para os intermediários e participantes da guerra. Desse modo diante de uma imensidade de problemas sociais,

Realização



Apoio



buscava-se meios para que houvesse comunicação entre os que estavam envolvidos, em que o ensino de línguas fosse trabalhado de maneira mais prática, preocupando-se com materiais que pudessem proporcionar esse ensino, (Moita Lopes, 2009).

A Linguística Aplicada se expande não só a nível internacional, mas também aqui no Brasil, ela chega na década de 80 e vai se expandindo através de programas de pós-graduação na Universidade Estadual de Campinas, responsáveis pela formação de vários linguistas aplicados. Em Minas Gerais, na UFMG, surgem outros programas brasileiros voltados a estudos da LA, em 1990 surge a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), outro grande avanço com a tentativa de transformar a LA em uma área independente. Atualmente tem um grande espaço em pesquisas que são realizadas nas universidades, (Cavalcanti (2004) e Cunha (2003) apud Moita Lopes 2009).

Para Gargallo (2004), a LA é uma disciplina científica entre ciências estruturadas com outras ciências, se ocupa com a linguagem interagindo com a linguística teórica com base em fatores internos e externos de mediação da teoria para a prática de maneira interdisciplinar, ao investigar problemas que plantificam o uso da linguagem dentro de uma comunidade linguística. Sendo assim os linguistas aplicados não podem trabalhar individualmente para buscar respostas para esses problemas, a autora cita como exemplo a pragmática, análise do discurso e da ciência da educação, em que se pode diferenciar quatro áreas indenticadas com a finalidade e seu objetivo de estudo e métodos de que se serve a linguística teórica, descritiva, histórica e a aplicada.

A LA expande cada vez mais seus estudos de campos sendo capaz de teorizá-los tornando essa disciplina cada vez mais heterogênea com abordagens interdisciplinares, assim outras áreas como a semiótica, a antropologia, a literatura entre outras, vão se espelhar nos pressuposto da LA para aperfeiçoar ainda mais suas abordagens de ensino e aprendizagem de uma maneira mais pedagógica, não usando apenas as teorias da Linguística Aplicada, mas sim dialogando com outras ciências. A LA surge como aplicação da linguística e apesar de ter surgido em um momento predominante do estruturalismo vai ser diferente, pois irá se distanciar do estruturalismo e vai ter como objeto de estudo a linguagem no contexto social. Vários estudos são feitos, inclusive no Brasil através dos congressos realizados pela Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ABRALIN), mostram a grande diversidade

temática em que estudos da LA estão cada vez mais voltados a estudos sociais do que ao formalismo, (Moita Lopes, 2009).

Segundo Moita Lopes (2006), atualmente há uma preocupação com novas teorias para entender a vida social com base em críticas a toda essa modernidade, enfrentamos transformações com uma tecnologia avassaladora, a questão contemporânea parece ser relativa à como reivindicar a vida social ao tentar entendê-la, buscando novas formas de construir conhecimento, em um mundo globalizado e que envolve a concepção de uma coligação anti-hegemônica que vai desafiar o Capitalismo Neoliberal, desse modo é perceptível que há preferências e que as pessoas de uma classe social desfavorecida, na maioria das vezes, perdem com esse mal contemporâneo. Assim não surpreende que a LA e as questões identitárias estejam interessando a tantos pesquisadores exatamente quando se problematiza a importância de pensar outras sociabilidades para a vida social. Matos (2013) defende que a LA contemporânea precisa estar atenta às características do sujeito pós-moderno, que não é mais visto como o detentor de uma identidade pronta e acabada, ela passa por processos de construção e reconstrução através de interações dos sujeitos em contextos sociais.

## IDENTIDADES DE RAÇA NOS MATERIAIS DIDÁTICOS

A identidade negra é um tema silenciado não só nos materiais didáticos, mas também no contexto escolar. A rejeição a uma identidade é uma agressão à minoria que causa sofrimento e revolta e às vezes a não aceitação de si mesmo, fato causado por aspectos históricos, políticos e socioeconômicos em que se propaga que a identidade negra não deve ter o mesmo espaço que os demais, podemos perceber que as instituições do estado perpetuam práticas racistas em escolas, hospitais, no sistema carcerário etc.

Práticas racistas acontecem também nos meios midiáticos, como propagandas, novelas entre outros, ao colocar a figura do negro como um ser invisível em papéis que as mulheres na maioria das vezes aparecem como domésticas ou em situações desfavorecidas. Infelizmente é uma realidade social, esse cenário nos mostra o que essas pessoas representam na sociedade ao estarem em situações não desejáveis na maioria das vezes, desse modo é

visível que o discurso social é reproduzido em vários ambientes e a maioria das pessoas adquirem essas ideologias afetando a construção da identidade de muitos.

Atualmente vemos séries de agressões com pessoas negras independente da sua classe social, pois pessoas bem sucedidas também passam por essa desagradável situação, como exemplo, podemos citar o que acontece recentemente com pessoas que estão na mídia em posições favoráveis e são alvo de racismo, sofrem com a não aceitação por sua negritude, mas como elas milhares de pessoas de classe inferior sofrem diariamente.

A discriminação racial persiste tanto que para tentar desconstruir o preconceito racial foi implantada a lei 10.639/2003 no Brasil para a inclusão das disciplinas sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares e no calendário escolar inclui o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.". Essa lei nos leva a refletir sobre o contexto educacional em nosso país, uma lei que permite trabalhar identidades raciais, esse tema não pode se restringir apenas a essas disciplinas, ele pode ser abordado também no ensino de línguas estrangeiras:

Para que o ensino da língua estrangeira adquira sua verdadeira função social e contribua para a construção da cidadania, é preciso, pois, que se considere a formação ou a modificação de atitudes também pode ocorrer- como de fato ocorre- a partir do contato ou do conhecimento com/sobre o estrangeiro, o que nos leva, de maneira clara e direta, a pensar o ensino do espanhol, antes de mais nada, como um conjunto de valores e de relações interculturais. (OCEM, 2006, pág.148).

Segundo o que Munanga (2005) defende na apresentação que faz no livro *Superando o Racismo na Escola*, não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existente na cabeça das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. O autor nos leva a crer que a educação é capaz de proporcionar aos jovens e adultos possibilidades de questionar para que possam desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.

É importante ressaltar que os materiais didáticos estão presentes no cotidiano dos alunos, uma vez que a negritude é silenciada nesses materiais nos leva a fazer uma série de

questionamentos, pois os alunos que são negros não se sentem inseridos nesse contexto, além de sofrerem diversas vezes atentados verbais e não verbais por parte da sociedade.

O professor também é uma ferramenta fundamental na desconstrução do preconceito, pois pode contribuir muito na sala de aula levando materiais em que possa trabalhar as questões raciais e desconstruir os preconceitos existentes, mas segundo Munanga (2005), alguns educadores não receberam na sua formação o necessário para lidar com a diversidade e as manifestações que presenciamos na nossa vida profissional cotidianamente, esse despreparo como aborda o autor, devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial por ter como instrumentos de trabalhos livros e materiais didáticos carregados de conteúdos viciados e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental.

Corroborando com o autor citado acima, podemos ver que atitudes responsáveis em sala de aula diante de um ato de preconceito pode levar a reflexão em classe para ao invés de apequenar o discriminado devemos colaborar para que ele possa se assumir sem receio algum da sua origem, dos atributos da sua diferença que foi inserida negativamente em detrimento de sua natureza humana.

As práticas da não aceitação ao diferente vem acarretada de uma hierarquia desde a antiguidade em que pessoas eram separadas por condições sociais, econômicas, principalmente de cor, esse processo foi se alastrando até os dias atuais causando um reflexo injusto na sociedade, pois as ideologias arraigadas estão inseridas em contextos predominantes do nosso cotidiano, como por exemplo o ambiente escolar, pois essas ideologias vão está presentes nos instrumentos de estudo tanto pelos alunos como pelos professores que são os materiais didáticos, ferramentas que tem uma carga de estereótipo muito ampla:

É possível que, para fazermos uma síntese das praticas ideológicas presentes nos materiais didáticos de línguas, tenhamos que acompanhar grande parte da história da perversidade humana ou, pelo menos, dos registros escritos e imagéticos do lixão da historia mundial. Em verdade, esses testemunhos comprovam que as aproximações entre os povos sempre foram movidas por objetivos mercenários, nos quais o outro, desprovido de alma, língua ou cultura, só existia para ser submetido à escravidão e ao espírito civilizador, quase sempre euroamericano. (SCHEYERL, D. 2012, pág.39).



Infelizmente nos deparamos com situações desagradáveis em relação aos negros, mesmo depois de anos de sofrimento pela escravidão por ter a cor negra muitos foram sujeitos a uma cruel realidade que ainda há sequelas e pessoas que não se dão conta de que a cor não designa importância e caráter de ninguém, o resultado dessa ignorância nos leva a refletir porque ainda o racismo persiste de forma tão cruel e nos perguntamos o porquê de tanta injustiça.

Segundo Castell (1999), identidade é uma fonte de significado e experiência de um povo, no que diz respeito os autores sociais o autor entende por identidade como processo de construção de significado com base a atributos culturais inter-relacionados a outros fatores de significado havendo identidade múltiplas para o indivíduo ou coletivamente, assim essa pluralidade gera uma fonte de tensão e contradição tanto no auto-representação quanto na ação social.

Corroborando com o autor acima podemos levar em consideração como a identidade negra era construída durante a escravidão que deixou sequelas levada a vários contextos sociais, podemos assim dizer que ela atualmente se dá pela forma de como as pessoas negras passam diariamente, através do preconceito e da ignorância de muitos que se acham superiores. Desse modo é importante que no contexto escolar sejam desconstruídos pensamentos e atitudes racistas, a começar pelo material didático em que na maioria das vezes não aparece a presença do negro, contribuindo assim para sua exclusão.

No processo educativo é interessante que a língua estrangeira seja transmitida para os discentes não apenas como mais um idioma, em que eles aprendam apenas a se comunicar e suas regras gramaticais, mas também conhecer crenças e valores presentes em diferentes grupos sociais e construir uma visão crítica para construção de uma identidade:

Uma declaração do tipo “não vejo cor” revela uma posição privilegiada em que se recusa a legitimar as identidades raciais que são muito importantes para as pessoas de cor e que são muitas vezes utilizadas para justificar a inação e a perpetuação do status. Se os professores não “vem” cor e as formas do racismo institucionalizado que privilegia alguns grupos e colocam em desvantagens outros, eles serão incapazes de tomar medidas para eliminar a desigualdade racial nas escolas. (FERREIRA, 2012 apud KANKS, 2001,P.12).

Uma vez que silenciemos a “*cor*” como aborda a autora estamos silenciando ou excluindo a identidade negra, porque sabemos que ela existe e a forma de como ela é expressa leva de fato o seu silêncio, assim a “*cor*” ela tem que ser vista, pois é uma marca indenitária assim como as demais que são mais privilegiadas por questões históricas, o que não podemos aceitar é visualizar o racismo que ainda existe de maneira grotesca, a “*cor*” ela tem que ser visualizada, respeitada e aceita.

Cabe aqui mencionar o que nos mostra Munanga (2005), ao mencionar que o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos afrodescendentes, interessa também a alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, já que recebem uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas, pois o que aprenderam foram estereótipos sobre os negros e não de fato a riqueza que eles nos proporcionam com suas culturas, crenças e valores.

Para que a interculturalidade esteja presente em sala de aula os professores precisam inserir os diversos contextos da língua estudada promovendo uma relação entre as diversidades, mas para isso ele precisa ter conhecimento sobre como trabalhar com os aspectos interculturais. Segundo Matos (2014) é necessário que se repense não só a formação dos professores, mas de todos que estão inseridos no contexto escolar inclusive os documentos formais e os materiais didáticos, pois é uma das principais ferramentas utilizada para formar um cidadão crítico.

Segundo Moita Lopes (2006), as práticas de ensino tem que ser repensada e reorganizada devido as transformações a todo momento, assim os professores também tem que se adaptar as novas tendências de ensino, para Mendes (2008), as políticas que tem sido implementadas para a formação de professores tanto da iniciativa pública quanto privada a valorização se caracteriza pelo conhecimento teórico estanque e acaba sendo descontextualizado por não dialogar com as práticas efetivas. Assim, é preciso abordar essas tendências de ensino de maneira em que elas dialoguem entre si.



## ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS PROPOSTOS NAS UNIDADES DIDÁTICAS

Como a pesquisa está em desenvolvimento foram selecionados alguns textos para poder mostrar como as participantes abordaram o tema selecionado. Nas unidades didáticas as participantes utilizaram textos verbais e não verbais, gêneros textuais distintos para que os alunos além de aprender o tema apresentado conheçam alguns gêneros textuais. Enfatizaram questionamentos que levassem à reflexão e à conscientização em classe.

**Texto 1:** aborda uma história em quadrinhos do argentino Joaquín Salvador Lavado Tejón, mais conhecido como Quino, em suas obras o autor utiliza a personagem Mafalda para fazer críticas a diversos temas presentes na sociedade. A tira cômica selecionada pelas participantes mostra o racismo através da fala da personagem Susanita em um diálogo com Mafalda, nos remete a perceber como as pessoas as vezes não se dão conta que são racistas. A proposta apresentada na atividade sobre o texto foi promover reflexão em classe diante da situação apresentada.

**Texto 2:** A proposta foi fazer uma relação intercultural com atitudes racistas que acontecem no futebol, assim foi selecionado uma reportagem sobre atitudes racistas em estádios com o tema: El racismo mancha el fútbol brasileño. Relata cenas racistas sofridas por jogadores brasileiros na Espanha, assim as participantes fizeram uma relação com acontecimentos semelhantes no futebol brasileiro.

**Texto 3:** Foi selecionado um vídeo que relata um teste com crianças no México utilizando um boneco branco e um boneco negro, a reação e as respostas das crianças nos leva a refletir como elas são fortemente influenciadas por fatores sociais ao ponto de interferir na aceitação da sua própria origem.

**Texto 4:** Um poema (Me gritaron Negra) da autora do Peru Victoria Santa Cruz, nesse texto foi possível abordar a questão de como é visto o negro e de como a visão do outro interfere na construção da sua identidade através do posicionamento da autora que por mencionar parte da sua historia em momentos em que sofreu racismo.

As escolhas dos textos revelam que as participantes foram reflexivas e tiveram a intenção de proporcionar a conscientização diante das atividades propostas, pois abordaram o tema em situações diversificadas, mostrando que o racismo está impregnado e como o

ambiente escolar é propício para a desconstrução de preconceitos através dos materiais didáticos e atitudes favorecendo o respeito às diversidades em sala de aula para que a identidade negra não seja vista de maneira estereotipada, mas sim valorizada e abordada mostrando sua riqueza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades encontradas nas práticas de ensino ocorrem não só pela falta de estrutura, mas também pela falta de preparação de professores que atuam de maneira equivocada em sala de aula, assim analisaremos como os alunos de graduação estão adquirindo conhecimento em sua formação para que possam ser professores críticos e reflexivos para que saibam lidar com as diversidades encontradas em seu futuro campo de trabalho respeitando as particularidades de cada um e incluí-los no desenvolvimento das situações reais para que eles possam se adequar ao mundo intercultural.

Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de abordar as diversas identidades nos materiais didáticos em particular a identidade negra que foi abordada em algumas etapas da pesquisa. Esperamos que através dessa abordagem os alunos possam fazer questionamentos e construam uma visão crítica a respeito dos valores transmitidos em sala de aula, podendo assim respeitar o outro independente de sua origem, para desta forma vivermos em uma sociedade mais justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS

**BRASIL.** Orientações Curriculares para o Ensino Médio. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Secretaria de educação Básica. Brasília: MEC, 2006.

**CASTELL,** Manuel. *O poder da identidade*/Manuel Castell; tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

**FERREIRA,** Aparecida de Jesus. Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: *Práticas Pedagógicas Em Sala De Aula De Línguas E Formação De Professores/As*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2012.

**GARGALLO,** Isabel Santos. *Lingüística aplicada a la enseñanza – aprendizaje del español como lengua extranjera*. Arco Libros, Madrid, 2004.

Realização



Apoio



\_\_\_\_\_. *Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003*. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

**MATOS**, Doris Cristina Vicente da Silva. *A Lingística Aplicada no Brasil e as Pesquisas em Língua Espanhola*. Revista Inventário- 12ª edição-Jan-Julho.2013- [www.inventário.ufba.br](http://www.inventário.ufba.br). ISSN1679-1347.

**MATOS**, Doris Cristina Vicente da Silva. Formação intercultural de professores de espanhol e materiais didáticos. *abehache* - ano 4 - nº 6 - 1º semestre 2014 Universidade Federal da Bahia: Instituto de Letras, 2014.

**MENDES**, Edleise- **CASTRO**, Maria Lucia Souza (orgs.). *Saberes em português: ensino e formação docente*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

**MOITA LOPES**, Luiz Paulo. *Por Uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Campinas/ SP. Parábola, 2006.

**MOITA LOPES**, Luiz Paulo. *Linguística aplicada um caminho com diferentes acessos*. São Paulo, editora contexto, 2009.

**MUNANGA**, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

**SCHEYERL**, D. *Materiais Didáticos Para o Ensino de Língua Estrangeira na Contemporaneidade: Contestações e Proposições*. Salvador, 2012.

**TELLES**, João A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” *Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas*. Linguagem & Ensino, Vol. 5, No. 2. Assis, São Paulo, 2002.

Realização



Apoio

